

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas

LAILA DJANA KELLER

Pulsão escópica, narcisismo e espetacularização do eu no contexto das mídias digitais

São Paulo
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas

LAILA DJANA KELLER

Pulsão escópica, narcisismo e espetacularização do eu no contexto das mídias digitais

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”, sob orientação do prof. Oscar Angel Cesarotto.

São Paulo
2020

Nome: KELLER, Laila Djana

Título: Pulsão escópica, narcisismo e espetacularização do eu no contexto das mídias digitais

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”

Aprovado em: _____ de _____ de _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho à minha mãe, Jeane, que muitas vezes acreditou mais em mim do que eu mesma. Pelo amor, doação e cuidado, sempre.

Dedico este trabalho, também, aos meus avós, Antônio e Lúcia. Gratidão pelo amor, carinho e apoio, sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especialmente minha mãe, Jeane Keller, meus avós, Antônio e Lúcia, meus tios, Ademir e Karla e ao primo, Matheus, pois se fazem sempre presentes através do afeto,

Aos professores Clotilde Perez e Oscar Cesarotto, pela acolhida no programa de especialização e disponibilidade em ouvir atentamente, sempre respondendo a dúvidas com atenção e generosidade,

Ao professor Roberto Zular, pela oportunidade de acompanhar suas aulas no programa de literatura,

Aos amigos e demais mestres que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta trajetória: Manuela Mattos, Alexandre Pandolfo, Sidnei Goldberg, Ana Costa, Silvana Pessoa, Naiana Pereira, Ana Bueno, Melanie Viana, Zelina Virgili,

Agradeço especialmente ao amigo Thiago Palmeiro Oyhenard, pela escuta atenciosa e sinceridade ante as escolhas,

À minha análise, por possibilitar que eu desse esse passo,

À, Sandro Mainardi, por diversas escutas,

Ao querido professor, tutor e orientador Oscar Angel Cesarotto pela sabedoria, pela confiança e pelas lapidações ao longo da trajetória de desenvolvimento da escrita.

RESUMO

Neste percurso de pesquisa e escrita, empenhamo-nos em traçar linhas de força convergentes à questão: o que engendra a espetacularização do sujeito na hipermodernidade? Traçamos a partir dessa questão, um possível percurso que visa considerar tanto aspectos psíquicos quanto históricos, sociais e econômicos. Partimos do pressuposto de que a formação inconsciente das gerações que estimam a exposição de si nas redes sociais, considerando neste, especialmente o Instagram, é constituída por sujeitos imbuídos por aspectos prementes à sociedade do espetáculo. Consideramos a atualidade a partir da concepção de Lipovestky, pautando o tempo histórico como a hipermodernidade, considerando que esta abrangem diversos paradoxos de nosso tempo. Deste modo, adentramos aos estudos acerca da propagação do eu nas redes, da formação do eu em Freud e Lacan. Consideramos que este trabalho abranja ainda questões relacionadas a pulsão escópica e o narcisismo e, que estes, estão entrelaçados e potencializados por uma cultura que eleva a imagem a consagrações intangíveis.

Palavras- chave: Pulsão Escópica, Narcisismo, Espetacularização do Eu, Mídias Digitais.

ABSTRACT

In this path of research and writing, we strive to draw lines of force converging to the question: what engenders the spectacularization of the subject in hypermodernity? We trace from this question, a possible path that aims to consider both psych and historical, social and economic aspects. We start from the assumption that the unconscious formation of generations that estimate self-exposure on social networks, considering this, especially Instagram, is made up of subjects imbued with pressing aspects of the society of spectacle. We consider the present Day from the conception of Lipovestky, guiding historical time as hypermodernity, considering that it covers several paradoxes of our time. In this way, we enter the studies about the propagation of the self in the networks, of the formation of the self in Freud and Lacan. We believe that this work also covers issues related to scopical drive and narcissism and that these are intertwined and enhanced by a culture that elevates the image to intangible consecrations.

Keywords: Scopial, Narcissism, Spectacularization of the self, Digital media.

RESUMEN

En este camino de investigación y escritura, nos esforzamos por trazar líneas de fuerza convergentes a la pregunta: ¿qué engendra la espectacularización del sujeto en la hipermodernidad? Trazamos a partir de esta pregunta, un posible camino que pretende considerar aspectos tanto psíquicos como históricos, sociales y económicos. Partimos del supuesto de que la formación inconsciente de generaciones que estiman la autoexposición en las redes sociales considerando esto, especialmente Instagram, está conformada por sujetos imbuídos de aspectos urgentes de la sociedad del espectáculo. Consideramos la actualidad desde la concepción de Lipovetsky, orientando el tiempo histórico como hipermodernidad, considerando que abarca varias paradojas de nuestro tiempo. De esta forma nos adentramos en los estudios sobre la proagación del yo en las redes, de la formación del yo en Freud y Lacan. Creemos que este trabajo también cubre temas relacionados con la pulsión escópica y el narcisismo y que estos están entrelazados y potenciados por una cultura que eleva la imagen a consagraciones intangibles.

Palabras clave: impulso escópico, narcisismo, espectacularización del yo, medios digitales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
METODOLOGIA.....	12
1. Sociedade do Espetáculo.....	12
2. Hipermodernidade.....	14
2.1. Hiperindividualização.....	16
2.2. Hipernarcisismo.....	17
3. Show do Eu: Espetacularização do Eu.....	18
4. Mito do Narciso.....	24
5. Formação do Eu em Freud.....	25
5.1. Acerca das Pulsões: enfatizando a pulsão escópica.....	26
5.2. Constituição Psíquica do Sujeito: Narcisismo Primário e Secundário.....	27
5.3. Pulsões e seus destinos.....	28
6. Formação do Eu em Lacan.....	31
6.1. Estádio do Espelho.....	32
7. Pulsão Escópica, Narcisismo e o enlaçamento com as mídias digitais.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

A concepção originária desse trabalho parte de uma inquietação e estranhamento diante da avalanche de imagens que concernem ao âmbito da exposição da vida íntima de sujeitos que realizam tal ato de exibicionismo. Neste percurso de pesquisa e escrita, empenhamo-nos em traçar linhas de força convergentes à questão: o que engendra a espetacularização do sujeito na hipermodernidade? Traçamos a partir dessa questão, um possível percurso que visa considerar tanto aspectos psíquicos quanto históricos, sociais e econômicos. Partimos do pressuposto de que a formação inconsciente das gerações que estimam a exposição de si nas redes sociais, considerando neste, especialmente o Instagram, é constituída por sujeitos imbuídos por aspectos prementes à sociedade do espetáculo. Perpassamos também o conceito de Hipermodernidade cunhado pelo filósofo Gilles Lipovetsky, para determinar o espaço temporal no qual vivemos atualmente, pois consideramos a relevância com que o autor propõe o estado de excitação que gira em torno do prefixo hiper, o qual remete justamente ao estado com o qual os sujeitos forjam suas vivências, as quais são pautadas pela hipere Exposição, pelo hiperindividualismo e pelo hipernarcisismo. Recorremos também à autora Paula Sibilia que corrobora para os estudos acerca da espetacularização do eu, remetendo a esferas históricas e sociais que permeiam justamente a o engendramento da subjetividade atual e que, perpassa por aspectos pontuais acerca de como a proliferação do acesso a internet, as mídias digitais, propiciam o que a autora pontua como enaltecimento dos sujeitos comuns, os quais, através de dispositivos e artifícios passam a forjar um eu. Este eu que ambiciona diversas metas possíveis, seja mostrar-se através do exibicionismo, buscando seja reconhecimento e reafirmação dessa imagem performatizada de si, ou ainda, aspectos concernentes a questões que envolvem o âmbito publicitário atualmente, considerando aqui, que muitos sujeitos desejam ser cooptados pelo mercado e atuar como influenciadores digitais. Posto isto, recorreremos ainda ao campo psicanalítico para compreendermos aspectos básicos ligados à constituição do eu, pontuando conceitos primordiais para a compreensão de como a pulsão escopofílica atua incessantemente nos sujeitos. Recorremos também à compreensão do conceito de narcisismo, buscando elaborar um esboço acerca dos momentos pertinentes a este. Tanto Freud quanto Lacan são pontuados neste, com o intuito de fornecerem bases para a compreensão de como se dá o engendramento que move os sujeitos ao exibicionismo de si, considerando aspectos fundamentais para a constituição do eu. O narcisismo, portanto, como proposto por Freud é estruturante do eu, porém, passa a ser inflacionado pelos discursos que atravessam os sujeitos. Estes são os pontos de enlaçamento que propomos discorrer ao final

do percurso deste escrito. Deste modo, por fim, traçamos um emaranhado contextualizando os conceitos até então explanados, com o intuito de constituir tessituras entre os autores propostos, alinhando-os ainda a outros autores estudiosos de suas obras, acerca de como estes propiciam a compreensão da questão posta de início. Dessa maneira, este trabalho enlaça questões entre espetacularização do eu, mídias digitais/Instagram, subjetividade, narcisismo, pulsão do olhar, formação do eu.

A respeito da repetição dos capítulos deste escrito, propomo-nos a percorrer uma possível via cartográfica acerca de como o sujeito se articula com os meios digitais contemporâneos e passa a ser capturado de alguma maneira subjetiva por estes.

Consideramos a pertinência do tema proposto devido à relevância que as mídias ocupam na vida dos sujeitos na contemporaneidade e, em certo movimento que estas implicam na própria constituição das subjetividades de hoje, as quais já são concebidas em um mundo simbólico concatenado pelas diversas possibilidades de engendramento que as redes, mídias e aportes informacionais propiciam.

Neste percurso, portanto, propomos a passagem por vias que consideramos de propensa importância para o embasamento e legitimação deste. Deste modo, o primeiro capítulo traz o pensamento de Guy Debord, encontrado na obra *Sociedade do Espetáculo* de 1967. O segundo aborda o conceito de Hipermodernidade e dois pontos cruciais para compreendermos as subjetividades nesse tempo histórico, cunhados pelo filósofo Gilles Lipovetsky. No terceiro capítulo, Paula Sibília, com sua obra denominada *Show do eu*, nos traz a noção de como se dá os desdobramentos dessa espetacularização através do desarrolo da informatização. O quarto capítulo, proposto a nos reportar à antiguidade, buscando rememorar o mito de narciso, o qual nos trará aspectos significativamente importantes para o desenvolvimento do escrito. No quinto e sexto capítulos, detemo-nos na teoria psicanalítica e, para tanto, nos reportamos a Freud e Lacan buscando, através do suporte dos autores, compreender as bases psíquicas que compõem a formação do Eu de um sujeito. Por fim, no sétimo capítulo, nos empenhamos em concatenar o debate trazendo a pulsão escópica como suporte para a compreensão acerca da temática e dos tempos colocados no ato de olhar. Ainda neste, de maneira relacional, enlaçamos a pulsão escopofílica às observações acerca das subjetividades advindas dos ambientes digitais.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa empreendida neste trabalho é bibliográfica, portanto, com base teórica. Englobando, deste modo, pesquisas indexadas em bases de dados como *scielo*, por exemplo. Além de ser uma pesquisa não sistemática, poderá conter artigos, dissertações, teses e livros pertinentes à temática proposta neste trabalho. Posteriormente, realiza-se uma seleção entre o material colhido para que estes possam vir a compor a construção deste estudo.

Para a seleção de artigos e livros, toma-se como orientação a abrangência atemporal do aporte bibliográfico, considerando, que o espaço temporal poderia restringir o estudo de alguns teóricos da modernidade, os quais são de grande valia para as análises que aqui serão empreendidas, por serem autores clássicos.

1. Sociedade do Espetáculo

Em *A sociedade do espetáculo*, obra datada em 1967, e lançada no Brasil em 1997, Guy Debord teoriza acerca do espetáculo. Para este o espetáculo pode ser compreendido como a plenitude da lógica mercantil proposta por Marx. O espetáculo surge como um supra, como um gozo que atravessa o próprio limiar da capacidade de espetacularização. Diante da valorização exacerbada da imagem, o autor propõe que as imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser reestabelecida. “A realidade considerada parcialmente apresenta-se em sua própria unidade geral como pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação” (DEBORD, 1997, p. 13).

Para Paiva e Oliveira (2015), o que Debord critica no espetáculo está vinculado com o hiato que se estabelece entre o fenômeno vivido e o fenômeno representado. Os autores, em concordância com Debord, apontam que um distanciamento se torna presente, postulando que não mais se faz possível contemplar a unidade da vida. Esse jogo é estabelecido no mundo mercantil e, portanto, tanto o cinema quanto a publicidade lançam mão desse aporte com o intuito de tamponar o *gap* existente entre o real e o imaginário. Nesse jogo estabelecido premeditadamente, os sujeitos espectadores são também os protagonistas da própria cena social, emaranhados e capturados nesse jogo ilusionista.

Dessa maneira, pode-se dizer que o espetáculo surge como inversão às vidas protagonizadas pelos sujeitos no cotidiano. A dimensão da abrangência do espetáculo pode

ser potencializada quando percebida sob as lentes do conceito de fetichismo de mercadoria proposto por Marx. Assim, duas cenas se projetam como possibilidade, uma diz respeito ao momento em que algo não vivo se corpfica tornando-se um movimento análogo à autonomia, outra diz respeito ao movimento de algo propagado como a mercadoria ascende, tornando-se parte dominante dentre as próprias experiências do vivido. Nesse sentido, Debord(1997), aponta que

Por esse movimento essencial do espetáculo que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana em estado fluido para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da formulação pelo avesso do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a mercadoria (p.27).

Deste modo, temos o ápice do espetáculo quando a mercadoria atinge elevado grau de propagação. Tomando o fetiche da mercadoria como a sobrevalorização, a qual não cessa de se inscrever em termos sociais do dinheiro. O que engendra essa sobrevalorização não é o produto/mercadoria em si, mas sim, os significantes invisíveis que interferem neste. Pode-se dizer ainda que uma dinâmica social se estabelece em torno do objeto fetichizado.

Diante dessa espetacularização do objeto fetichizado, ou ainda, de uma mercadoria que possui certo valor atribuído, há ainda a incessante ruminação em torno desta com o intuito de preservá-la como organizadora da ordenação social, mas também alimentá-la para que esta se torne cada vez mais dotada de valor, produzindo assim maior rentabilidade.

Nesse sentido, o espetáculo proposto por Debord, denuncia uma alienação social ante a mercadoria. O fetiche não está iluminado aos sujeitos sociais, posto que, estes são meros atores na cena social e não necessariamente protagonistas desta. A participação é, portanto, apenas simbólica, haja vista que as prerrogativas regentes do jogo no qual estão inseridos não lhes são palpáveis.

Assim, citamos Paiva e Oliveira, autores que colocam que “o fato mesmo de o mundo das imagens se erigirem face aos sujeitos como um mundo digno de ser levado em conta já aponta para essa inconsciência” (2015, p. 143).

Outra tese de Debord que salientamos, é a tese 30, citamo-as:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende a existência e seu próprio

desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte (1997, p.24).

Esta tese dá a ver, justamente, o hiato produzido pelo espetáculo. Em um lado, como espectador, os sujeitos sociais que permanecem em estado letárgico e inconsciente ante a mercadoria produzida, mesmo que seja parte relevante e atuem como força propulsora para a espetacularização desta mercadoria fetichizada. O que surge aos sujeitos, diz respeito à natureza do desconhecido, que gera estranhamento, fazendo com que estes não encontrem lugar na cena. De certa maneira, o inconsciente coletivo se reconhece como parte do espetáculo, de forma não consciente, propiciando o estranhamento e o sentimento de não-lugar ante ao espetáculo.

2. Hipermodernidade

Este capítulo aborda o conceito de Hipermodernidade, cunhado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky. Para o autor de “Os tempos hipermodernos”, a hipermodernidade instaura-se a partir da década de 90, do século XX. Tal período traz consigo marcas do hiperconsumo, hiperindividualidade, hipernarcisismo e frivolidade.

Lipovetsky aponta que desde a pós-modernidade, período que antecede a Hipermodernidade, algumas características da proximidade com a era hiper já dava sinais de instauração. Temos então, ainda na modernidade do século XX, a passagem pelo período da pós-modernidade, que é colocada por Lipovetsky como um período transicional, precedendo a hipermodernidade.

Para compreendermos a hipermodernidade, consideramos importante explicar aqui alguns preceitos da pós-modernidade, os quais demonstram o arrefecimento dos postulados modernistas que antecederiam o declínio dos discursos. Portanto, a pós-modernidade, cunhada ao final da década de 70 é composta por traços que alicerçam o conceito por significantes referentes à temporalidade do presente, vislumbres de futuros mais curtos e rarefeitos e ainda a valorização da efemeridade. Tais significantes unem-se a lógica de consumo que se expande desmesuradamente. Lipovetsky aponta que o preceito pós-moderno continha um cunho positivo, pois demonstrava uma nova modalidade de organização social e cultural. O que se desenrolava nas sociedades abastadas era o consumo expandido, bem como a comunicação de massas, além disso, um desvencilhamento das normas autoritárias e de uma sociedade

disciplinar. A partir destas premissas, o individualismo ascende, colocando em jogo, hedonismo e ao mesmo tempo um declínio da esperança. Cito Lipovetsky:

O neologismo pós-moderno tinha um mérito: salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões políticas e militâncias - era mesmo preciso dar um nome à enorme transformação que se desenrolava no palco das sociedades abastadas, livre do peso das grandes utopias futuristas da primeira modernidade (2004, p. 52).

A partir desta leitura, fica claro que o fenômeno pós-moderno passa como um cometa, que carregava em si, promessas de renovação perpétua, principalmente no que diz respeito ao arrefecimento das pressões sociais e embevecido pelo ditame das novas tecnologias que impõem de vez a globalização sem limites. Diante desses modelos, Lipovetsky coloca que ao passo que o pós-moderno anunciava o novo, perdia o compasso com o tempo anterior aos excessos da pós-modernidade, tornando-se obsoleto, pois “o pós de pós-moderno ainda dirigia o olhar para um passado que se decretava morto” (2004, p. 53).

A um passo voraz, o pós-modernismo passa ao que Lipovetsky chama de Hipermodernismo e questiona o que já não é hiper? O prefixo hiper- passa a fazer parte da dinâmica econômica, social e psicológica. Por todos os lados, os tentáculos redundantes demonstram o hiperconsumo, hiperindividualismo e o hipernarcisismo.

O império do hipermodernismo traz consigo o declínio das instituições que antes vigoravam e de certa maneira instituíam de maneira coercitiva o aporte de vida para os indivíduos, os quais possuíam lugares estabelecidos socialmente através de uma transmissão simbólica ditada. A sociedade na qual passamos a vivenciar estabelece um novo centro: o indivíduo. O que se apresenta como uma liberalização extrema traz consigo o aporte da insegurança e angústia, ao passo que transmite ao indivíduo o dever de ser sujeito regulamentador de si. Nessa nova sociedade desmesurada, o que encontramos é

De um lado, os indivíduos, mais do que nunca cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. O hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico (Lipovetsky, 2004, p. 56).

Ora, o que se torna passível de ser percebido é que com o declínio das antigas maneiras de regulação social, o indivíduo passa a ser hiper-responsabilizado por si mesmo e que este nível exacerbado de regulação de si, tem propiciado a potencialização de novas modalidades de sofrimento psíquico e patologias. Isto se deve a uma nova forma de subjetivação denominada por Lipovetsky *de homo oeconomicus*, ou seja, um sujeito que busca incessantemente estar maximizando a produtividade em todos os âmbitos da vida. Deste modo, no hipermodernismo, o que há é o declínio da utopia, pois o que encontramos é,

Por toda a parte, a ênfase na obrigação do movimento, a hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica, ditada pelo imperativo da eficiência e pela necessidade da sobrevivência. Na hipermodernidade, não há escolhas, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela “evolução”: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais (Lipovetsky, 2004, p. 57).

Deparamo-nos na hipermodernidade, no presenteísmo, no culto do aqui-agora, ou seja, em um momento no qual o futuro passa a ser apenas uma rarefação para os indivíduos, os quais desacreditados deste passam a jogar com a vida e idolatrar o culto do aqui-agora, do presente que jaz incessantemente e impõe a mudança constante para que o novo possa advir a todo instante, aquietando assim, os peitos desarmados de utopias. Eis aqui, o ressurgimento de questionamentos por parte dos indivíduos, os quais passam a colocar em questão o tempo social no qual vivem. O passado e as questões que entraram em declínio passam a circular novamente como palavra, almejando e movimentando novas configurações para as existências. Nesse sentido, Lipovetsky conclui que há um passado que não cessa de se inscrever, ressurgindo em potência e, trazendo consigo a angústia ante ao futuro. O furor da pós-modernidade passa a demonstrar outro caráter, não mais aquele que oferecia o deslumbramento e perspectiva de um futuro por vir, mas sim, acentua a pauta da vida dos sujeitos através da ascensão do presente, o qual advém como soberano na era hipermoderna.

2.1 Hiperindividualização

Diante dessa realidade que insere a contemporaneidade em uma contextualização desmesurada, na qual, cada sujeito se torna agenciador de si, percorrendo cotidianamente empreitadas que de alguma maneira sustentem essa concepção de um eu que vive por si próprio e para si, destacamos o hiperindividualismo, característico desse movimento.

Para Lipovetsky(2004), o declínio dos discursos ideológicos, que continham um efeito mediador, atuando como reguladores de uma sociedade antes concebida a partir de instituições claramente delineadas, atua juntamente com o desmantelamento destas na formação do cenário atual. Tal cenário está imbuído pela diminuição da intervenção estatal e, também pela família e a religião que declinam em seu poder simbólico, passando a atuar de modos privados, aos moldes do mercado. Esses fatores convergem justamente para um modelo de sociedade marcada pelos significantes concernentes ao modelo capitalista, significantes estes que podem ser percebidos através da disputa e concorrência, cada vez mais crescentes diante da globalização. Nesse sentido, Lipovetsky(2004), propõe que nosso tempo é marcado, portanto, pelas lógicas de “mercado, a eficiência técnica, o indivíduo” (p.54).

Encontramo-nos emaranhados no ritmo e nas normas estipuladas pelo hipercapitalismo. Pautamos a vida pelo excesso característico da sociedade de hiperconsumo.

Desta maneira, engendrados neste modelo sem limites, a própria constituição subjetiva é perpassada pelo simbólico proposto. O hiperindividualismo surge, portanto, como uma característica do tempo presente, atuando de maneira a distanciar os sujeitos enquanto coletividade e, postulando de maneira indireta que estes, tornem-se os agenciadores de si, pautados por uma lógica gélida e calculista. Todo esse aparelhamento que nos constitui e que responsabiliza unicamente o indivíduo por si, vela, na verdade, um modelo de constituição social que corrobora para a proliferação de diversas patologias, as quais são caracterizadas como patologias do indivíduo e não sociais. Surge aqui, a questão, acerca de como as próprias patologias atuais estão pautadas pela lógica da individualidade, ou seja, em uma lógica que percebe o indivíduo como um inadequado ante a ordem vigente, desconsiderando toda a trama simbólica que propicia a constituição de sujeitos não desajustados em si, mas que se encontra com questões e modulações subjetivas que atuam, justamente, em resposta a estrutura articulada. O hiperindivíduo, portanto, não é agente de si, como a estrutura o leva a pensar ser. Ele é produto, porém, um produto que a partir do momento que se percebe em tal posição, consiga, a partir daí, mediar um movimento para tornar-se sujeito, considerando o amálgama que o forja enquanto tal.

2.2 Hipernarcisismo

Como um desdobramento em cascata, para além da hipermodernidade, do hiperconsumo, há o hipernarcisismo. Pode-se dizer que o prefixo hiper perpassa tanto as esferas macro quanto microsociais. Nesse sentido, apontamos para uma das características

que fundamentam o hipernarcisismo: um sujeito eficiente e flexível. Pautado pelo ideal de eficiência, o que ronda o imaginário dos hipernarcisos são os significantes que remetem a responsabilidade e maturidade. Entretanto, uma fenda se abre aos pés dos sujeitos hipernarcisos, anunciando o paradoxo entre a extrema responsabilidade e a irresponsabilidade diante do crescimento ante ao que a estes é delegado. O hipernarcista possui um embasamento pautado pelos signos do excesso, pelo frenesi. São os sujeitos desbussolados, extremamente preocupados com a imagem de si e, especialmente, voltados ao culto do próprio corpo. Ao passo do que parece a primeira vista uma atitude de cuidado e delicadeza consigo, há o paradoxo da excessividade que preza pela busca de padrões corporais idealizados. De um lado, o culto ao corpo que acaba levando a um desajuste diante das empreitadas ao qual este é submetido. De outro, encontramos as patologias relacionadas à imagem, pois a subjetividade adentra a espectros idealizados e, portanto, quando uma meta se torna irrealizável, o sofrimento psíquico empenhado na busca por esta tende a se potencializar.

3. Show do Eu: Espetacularização do Eu

Neste capítulo, abordaremos alguns pensamentos de Paula Sibilia, colocados em *O show do Eu: A intimidade como espetáculo*, com primeira edição lançada em 2008 e, segunda em 2016. Transcorreremos por alguns capítulos com o intuito de trazer seus questionamentos e constatações e fornecer ao leitor um deslizamento de pensamento na tessitura da compreensão deste trabalho.

Em seu prefácio, a autora coloca que seu livro tem pregnância em 2002, como projeto de pesquisa para uma tese de doutorado. Remete-nos, portanto, ainda para um início de século XXI, momento em que a internet, suas redes sociais e blogs estavam despontando. Surge, então para a autora, um questionamento acerca de como estes que se apresentavam como blogs, os quais tinham em si a intenção de servir aos usuários como diários íntimos? Afinal, como algo que tem seu funcionamento através da exposição por uma rede pública, poderia ser concernente simultaneamente ao âmbito da intimidade? Para a autora, esse engendramento da exposição pública de algo íntimo, estava marcado por uma hiância, devido a sua impossibilidade lógica. Ainda no prefácio, esta marca que a palavra “íntimo” se usava para nomear aquele acervo individual de afetos e ações que só podiam florescer no campo do privado; ou seja, protegidos da intromissão alheia por meio de paredes, pudores, chaves e fechaduras” (2016, p. 9).

Ao percorrermos a obra de Sibilía (2016), no primeiro capítulo, nos deparamos com o questionamento que esta coloca a si própria, acerca de quais motivos levariam alguém a dar início em uma pesquisa acerca da exposição da intimidade, em um tempo (séc. XXI) marcado pela ascensão da cultura globalizada? Ela não nos fornece a resposta de maneira corriqueira e, propõe que sigamos o percurso de leitura. Para tal, fornece-nos, de antemão, uma rememoração ao passado e, lança mão da figura de Nietzsche, filósofo reconhecido por sua excentricidade e megalomania. Naquele tempo, tais características remetiam as convenções de ordenamentos psicopatológicos, ou seja, desvios do que era então entendido de maneira equívoca como acepção de normalidade. Distanciando-se do séc. XIX e reportando ao séc. XXI, o ponto que a autora propõe é que, atualmente, tanto a megalomania quanto a excentricidade não se encontram mais colados a um significante depreciativo. Segundo a autora, “numa atmosfera como a atual, que estimula a hipertrofia do eu até o paroxismo, que enaltece e premia o desejo de ser diferente e querer sempre mais, são outros os desvarios que nos assombram” (p.14).

Com tais palavras, a autora expressa uma ampla modificação acerca de como os fenômenos subjetivos são compreendidos em distintos tempos históricos. Marcas de nosso tempo, como a internet e as redes sociais, acarretaram um engendramento da exposição de si. Contudo, para a autora, isso não significa mais uma exacerbação excêntrica e megalomaniaca.

Seguindo em seu texto, ela aponta para uma curiosa intervenção proposta pela revista *Times* que costuma eleger uma celebridade anualmente e, no ano de 2006 tornou pública sua escolha: “Você” (p.15). Para Sibilía, “não apenas você, mas também eu e todos nós” (p.15).

O propósito da revista *Time*, ilustrada por uma capa com efeito de espelhamento, foi enaltecer as pessoas comuns, tornando-as em personalidades do ano. Curiosidade que desponta é acerca dos motivos que levaram a esse enaltecimento do comum. Nesse sentido, Sibilía, em menção a sua leitura sobre o texto publicado na revista, propõe que são as figuras comuns (eu, você e todos nós) que fomos agentes propulsores alavancando e modificando “os modos de fazer arte, política e comércio” (p.15). Isso demonstra o poder que eu, você e todos nós emanamos para as redes e mídias digitais. O bom olhar da revista foi perceber isso e tornar os usuários o centro, evidenciando o papel protagonista que os usuários detêm ao investirem seu tempo e suas vidas às mais variadas formas de interagir através das redes ofertadas na internet. A revista trouxe, desse modo, uma ampliação as pessoas usuárias das redes (MySpace, Orkut, YouTube), pontuando que isso se deu “em virtude desse estouro de criatividade e visibilidade midiática, entre aqueles que antes costumavam ser meros leitores ou espectadores passivos, teria chegado “a hora dos amadores”[...] (p.15). Fica evidenciado,

portanto, que o aporte de conteúdos que passava a circular nas redes, se dava em virtude da criatividade de pessoas comuns, as quais postavam sem grandes ambições, porém, mesmo assim as alcançavam (em termos de visibilidade). Sibilia, em referência ao texto mencionado pela *Times* daquele ano, coloca que por serem exatamente pessoas comuns que passaram a superar até mesmo profissionais das redes, por pessoas comuns alavancarem a midiatização global e, até mesmo por terem feito tudo isso de maneira gratuita que, naquele ano(2006), o sujeito comum merecia ser enaltecido e reconhecido por suas atividades de ótimo desempenho e ainda por cima, não remuneradas.

Algo similar ocorre no Brasil, no ano de 2007. O site *O GLOBO*, propõe aos seus usuários que estes perfaçam uma retrospectiva de seu ano. Deste modo, através da retrospectiva, que abrange desde fotos a comentários, a vida de pessoas comuns, bem como suas vivências referentes àquele ano, passou a circular veiculada a frases que desdobravam o acontecimento em questão.

Diante dessa exacerbada estimulação à exposição de si e de suas vivências, explosão que ocorreu há torno de uma década e meia, o que podemos ainda considerar recente, de alguma maneira se tornou simultaneamente corriqueira. Assim, Sibilia(2016) propõe:

Será que estamos sofrendo um surto de megalomania consentida e até mesmo estimulada? Ou, ao contrário, nossa cultura foi tomada por uma repentina onda de extrema humildade, isenta de maiores ambições, uma modesta reivindicação de todos nós e de qualquer um? (p.16).

Uma resposta pronta, um simples sim ou não, não abrange a profundidade de tais indagações. O que surge são questões acerca do que vem a revelar esse enaltecimento do outro comum e, para onde aponta o crescimento vertiginoso das criações e exposições forjadas pelo comum? Vemos cada vez mais em circulação as criações pessoais circulando pelas redes, buscando uma a uma, ou, um a um, o lugar de percepção e reconhecimento mediado por outro. Colocamos em questão quem poderia fazer face como sendo esse outro? Sibilia propõe, nesta perspectiva que

Tanto na internet como fora dela, uma característica da sociedade globalizada do século XXI é que a capacidade de criação costuma ser capturada pelos tentáculos do mercado, que atijam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias (p.17).

Em face dessa realidade que captura a criatividade circulante nas redes, Sibilia, propõe que esta, perde o que a autora chama de “potência de invenção” (p.17), devido ao seu registro simbólico-criativo passar a ser cooptado pelo capitalismo e, então, atravessar um processo de integração a este, deixando assim de ser potência de criação e passando a ser objeto de luxo que engendra as engrenagens deste modelo econômico.

Após essa apresentação que visa familiarizar o leitor com a relação aportada entre redes e exposição, Sibilia (2016) aponta para diversas formas nas quais a espetacularização pode ocorrer, sejam exposições de cunho narrativo (Blogs) ou de forma imagética (Facebook, e Instagram). Neste estudo, detemo-nos no que diz respeito ao aporte da Imagem e, portanto, seguimos o escrito remetendo a um ponto crucial para nosso tempo: as Selfies.

Em relação a essa questão, a autora coloca que desde a primeira década do século XXI, com a consolidação da WEB 2.0, somado a ascensão dos Smartphones que continham imbuídos em si câmeras, a criação de imagens que remetem tanto ao cotidiano de um sujeito, quanto a imagem propriamente dita deste, passaram a irromper nos ciberespaços de interação social, ampliando de maneira exponencial uma produção de conteúdo de caráter intimista, o qual também se tornou corriqueiro e simplista diante do volume imensurável com que passaram a ser postados tais conteúdos. Nesse sentido, a proliferação de objetos como celulares com câmeras, implicou na criação de conteúdos como fotos e vídeos, os quais, através das redes sociais, podem ser exibidos de maneira praticamente instantânea e em quantidades ilimitadas.

Retornemos a origem dessa imagem de si que passa a circular com ampla visibilidade aos outros através das redes sociais: a *selfie*. Em menção ao termo, Sibilia aponta o surgimento deste pela primeira vez no ano de 2013, nada menos, como a palavra do ano e inscrita ao Dicionário Oxford. A partir da proliferação das selfies, vinculou-se também o aumento de aplicativos destinados a edição de fotografias, os quais continham modulações que modificavam tonalidades, rasuras e marcas de pele. Tudo isso surgido com o intuito de fornecer aos usuários uma espécie de aperfeiçoamento da imagem retratada de si.

Sibilia aponta que essa proliferação de selfies, resguarda em si o enlaçamento do que coloca como visibilidade e conexão. A junção destas duas propriedades passou, portanto, a conduzir o imaginário social, o qual permeado pelas novas tecnologias e por algum fenômeno que visa o enaltecimento de si despontou com supremacia no mundo contemporâneo. Em suas palavras, a autora propõe que

A visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo(2016, p. 22).

Essa relação com a imagem de si comporta o contorno de sujeitos que exibem desde suas conquistas ao cotidiano banal. Nessa busca desenfreada pelos likes, Sibilia aponta o caráter trágico dessa odisséia, pontuando a notícia de que no ano de 2015, as mortes causadas na busca de selfies em locais perigosos passaram a ‘matar mais que ataques de tubarões’(2016, p.22). Lembra-se aqui, do mito de narciso, o qual diante do enamoramento por si mesmo, sucumbiu à morte.

A questão surgente diz respeito como as práticas culturais atuais passam a engendrar as novas subjetividades? Nesse engendramento, Sibilia propõe que ‘não são os aparelhos que causam mudanças nos modos de ser’(2016, p. 25), mas que há sim, uma projeção do imaginário e expectativas demandadas pelos sujeitos e, estes, portanto, assumem o lugar que desponta a necessidade a ser inventada com o intuito de satisfazê-los. Nesse sentido, a autora coloca que ‘as tecnologias são inventadas para desempenhar funções que a sociedade de algum modo solicita e para as quais carece de ferramentas adequadas’(2016, p. 25). Deste modo, surge então a proposição de Sibilia, a qual propõe que, através dos processos históricos, as mudanças sociais movimentam e perfazem a todo instante a constituição dos sujeitos, os quais engendrados a partir desse enlaçamento social nutrem expectativas relacionadas a si mesmo, suas construções subjetivas e o modo como estas podem ser desveladas diante do outro. Esses aspectos contribuiriam, portanto, para articular a ‘demanda por visibilidade e conexões permanentes’(p.25), as quais, ‘são todas necessidades desenvolvidas nos últimos tempos, para cuja satisfação era preciso criar um instrumental específico’(p. 25).

Evidencia-se, através da proposição de Sibilia (2016), portanto, que o engendramento que visa o arsenal tecnológico do qual dispomos atualmente, é criado a partir de uma clara demanda subjetiva, que busca através de tais dispositivos, veicular e propagar a si próprio, buscando visibilidade perante o outro.

Isto posto, a autora enlaça questões acerca de como o corpo advém a vir-a-ser através dessa subjetividade que passa a ser mediada e estimulada diante da exposição nas redes? Para a autora, não resta dúvida do impacto que as mediações históricas, políticas e sociais assumem papel ímpar na constituição destes corpos e subjetividades. Dessa maneira, pontua que

Dentro dos limites desse território flexível e poroso que é o organismo da espécie *homo sapiens*, tanto as sinergias históricas como as geográficas incitam certos desenvolvimentos corporais e subjetivos, ao mesmo tempo que bloqueiam o surgimento de outras configurações (2016.p. 26).

Tomando, portanto, o ponto de vista da autora tem que o corpo de um sujeito é perpassado, ou seja, atravessado através e no espaço-tempo histórico no qual se situa. A configuração subjetiva, portanto, está alinhavada por mediações simbólicas já postas na linguagem social, na qual um sujeito ao nascer passará a ser banhado. Tal sujeito, em certo grau e, de maneira inconsciente, advirá como tal, através de algo que o antecede: a linguagem. Linguagem esta, que narra e situa o ser em um espaço territorial e temporal. Dessa forma, Sibilia (2016) coloca que “a experiência de cada um se vê fortemente influenciada pela interação com os outros e com o mundo; por isso, não se pode negar o papel primordial da cultura na formação do que se é” (p.27).

A partir daí, surge a premissa de que o sujeito está em constituição constante, pois, atravessa o campo da experiência subjetiva, o qual permanece contingente ante aos acontecimentos da vida. A partir, desse ponto, explanado o que temos acerca do surgimento da internet, da mediação que as redes sociais passaram a ter na constituição dos sujeitos e seus corpos, tomando estes próprios como aqueles que demandaram o surgimento desses aparatos, como pensar essas possíveis articulações constituintes de sujeitos que desejam se colocar em cena primordial e instantânea, exibindo a si e sua intimidade?

Sibilia (2016) propõe que há três maneiras de perfazer esse caminho acerca da subjetividade. Primeiro, pontuando-a como singular e tomando um indivíduo como referente. A segunda maneira, diz respeito à totalidade, que toma o universal como referente subjetivo.

E, por fim, um caminho que ela denomina como ‘zona intermediária’(p.27), que diz respeito a articulação entre características evidenciadas em alguns sujeitos, mas que jamais podem ser apontadas como inerentes a todos os sujeitos. Assim, propõe que

Essa perspectiva mencionada em terceiro e último lugar contempla aqueles elementos da subjetividade que são claramente culturais, frutos de certas forças históricas nas quais intervém uma série de vetores políticos, econômicos e sociais. Estes impulsionam o surgimento de determinadas formas de ser e estar no mundo, estimulando – com diversos graus de insistência – a consumação dessas configurações subjetivas e inibindo outras, pois desse modo as engrenagens do presente poderão operar com mais eficácia (SIBILIA, 2016, p.27).

Nesse sentido, o ponto de vista tomado pela autora propicia a articulação entre singularidade e características comuns a certos grupos, as quais são determinadas pelas especificidades históricas, sociais e econômicas, como pontuado acima, mas também veiculadas as modelagens comunicacionais que articulam o engendramento da exposição da imagem e da intimidade nas redes. Retomaremos a discussão acerca do desdobramento do pensamento da autora no último capítulo deste escrito, no qual abordaremos tais concepções traçando encruzilhadas possíveis com outros campos do saber.

4. Mito de Narciso

Relembramos brevemente, aqui, o mito de Narciso. Narciso era reconhecido por ser um belo jovem de cerca de dezesseis anos. Filho do Rio Césifo e da Ninfa Líriope. Temos, portanto, desde sua concepção que ao lado do continente paterno, as águas se fazem presente e como fundantes da imagem de Narciso, bem como ao lado materno, a voz, macia como um lírio.

Seguindo pela história de Narciso, temos que sua mãe vai ao encontro de Tiréias, consultar acerca da vida do filho. Este diz a Líriope que se, Narciso não conhecer a si mesmo, viverá por longo tempo. Acontece que Narciso cresce e se torna um belo jovem. Diversas ninfas se apaixonam e o desejam. Ele, porém, trata a todas com desdém. Eco, enamorada pelo belo jovem, sofre e então, pede a Deus Nêmesis que projete sobre Narciso uma maldição, segundo a qual, este deva se enamorar por um amor impossível. Nemêsis, então, realiza o desejo de Eco. Por seu desejo, Eco é, então, punida e condenada por Hera. A punição de Eco é justamente não mais falar, mas apenas repetir as últimas palavras que ouvisse.

Narciso, amaldiçoado, apaixonou-se. As margens do Rio Téspias, ele vê refletida na superfície da água uma imagem pela qual fica enfeitiçado. Ocorre então o aprisionamento de Narciso em sua própria imagem. Obcecado pela beleza refletida de si, sucumbe à morte, contido no semblante. A queda do herói trágico, desmesurado pela imagem de si, o leva a uma imobilidade diante do enamoramento por si.

Gianese(2018), em menção a Ovídio, através de Metamorfoses cita:

Ao procurar saciar uma sede, brota nele uma outra sede.
 Enquanto bebe, arrebatado pela imagem de beleza que avista,
 ama uma ilusão de corpo. Crê ser corpo o que apenas é água.
 Extasia-se ante si mesmo e fica imóvel, de rosto imóvel também,
 fica hirto como uma estátua de mármore de Paros.
 Estendido no chão, contempla dois astros que são seus olhos;

contempla seus cabelos, dignos de Baco e dignos de Apolo;
 contempla as faces, virginais ainda, o colo de marfim,
 a graça da boca e o rubor misturado a névea brancura.
 Admira tudo o que o torna a ele digno de admiração.
 Sem o saber, a si se deseja; é aquele que ama, e é ele o amado.
 Ao cortejar, a si se corteja. Arde no fogo que acende.
 Quantos beijos inúteis deu na fonte que lhe mentia!
 Quantas vezes, para abraçar seu pescoço, que via no meio das águas,
 mergulhou os braços, sem neles se encontrar!
 Não sabe o que vê, mas o que vê consome-o!
 E a mesma ilusão que engana seus olhos, excita-os.
 Ingênuo! Por que buscas em vão agarrar uma fugitiva imagem?
 O que desejas não existe! O que amas, retirando-te, perde-lo-ás!
 Essa sombra que vês é o reflexo da tua imagem.
 Nada tem de seu! Contigo chega e contigo está.
 Partiria contigo, se tu partir pudesses!
 Nem a preocupação de Ceres, nem a necessidade de repouso o podem afastar
 dali. Estendido na erva, à sombra, contempla,
 com olhar insaciável, a enganosa imagem, e morre vítima de seus próprios
 olhos. (GIANESI, p. 96 apud OVÍDIO 2017, p. 191-193).

Percebe-se através do excerto acima que Narciso estava capturado pela imagem de si. Este sempre fora orgulho diante de Eros, de certa forma o que a este ofertava era o desdém. Do alto de seu orgulho, De acordo com Gianesi(2018), “Narciso Reinara autossuficiente até sua queda (*harmartía*). A queda do herói trágico, descomedido em relação a si e ainda incapaz de amar (envolvimento erótico com o outro), deu-se em atroz imobilidade. Refletido nas águas, curva-se (aprisiona-se) para o pai” (p.95).

5. Formação do Eu em Freud

Para começarmos a traçar alguns pontos acerca da formação do Eu na teoria Freudiana, propomos iniciarmos essa tessitura pela noção de desamparo. Em seu texto ‘Inibição, Sintoma e Angústia’, de 1926, Freud esboça a noção de *Hilflosigkeit*. O termo foi traduzido para o português como desamparo e, visa abranger a noção de falta constitutiva e posta a todos os indivíduos, os quais em seu estado de nascença estão à mercê de outro e, deste dependem por algum período, para que sua sobrevivência se dê. Desta maneira, podemos pensar que somos constituídos a partir de um desamparo originário.

Nesse período inicial da vida há, portanto, a necessidade de que a vida recém-chegada seja cuidada por outro que se ponha a realizar uma mediação com o intuito de satisfazer as necessidades surgentes, possibilitando que o infante venha a sobreviver e se desenvolver.

Posto isto, seguiremos este capítulo discorrendo acerca de proposições elaboradas por Freud, com o intuito de esboçar elementos e estágios inerentes à constituição psíquica do eu.

5.1 Acerca das Pulsões: enfatizando a pulsão escópica

Encontramos no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud (1905) a definição de pulsão, a qual pode ser compreendida como um representante que se propaga em um limiar entre o psíquico e o físico. Ela atua, portanto, constantemente na vida psíquica dos sujeitos.

As pulsões propostas por Freud tem sua atuação desde a mais tenra infância. A sexualidade infantil foi desmistificada por Freud, que propôs que desde o início da vida esta se faz presente no infante. Freud chamou a sexualidade infantil de perversa polimorfa, pois não se encontra determinada desde o surgimento próprio.

A pulsão preponderante para Freud está ligada ao ato de olhar. O ato de olhar remete diretamente ao prazer concatenado diante a uma imagem visual. Para Freud, o olho atua como um orifício que pode ser designado como um dos pontos mais afastados do objeto causa do desejo. Este é ainda o que possui maior incidência sobre a satisfação, apesar do distanciamento ante ao objeto, pois a beleza admirada pode ser repetidamente buscada através do ato de olhar. Esse prazer de ver é denominado por escopofilia. O olho aqui atua como uma zona erógena, buscando a satisfação através do olhar. Temos, portanto, dois pontos distintos. O olho, que atua como orifício, ou seja, serve como um anteparo. É através dele que o olhar pode se lançar em direção ao objeto fonte de desejo, buscando obter prazer. E, através deste olhar, a satisfação pode ocorrer, pois o olho concatena o prazer de uma zona erogeneizada.

Ressalta-se que a escopofilia não é a priori uma modalidade de perversão, mas se tornaria ao se direcionar especificamente aos genitais. Ou seja, Para que a escopofilia se perfaça como uma perversão há a necessidade de que este direcionamento do olhar vise não outro sujeito, mas sim um objeto sexual contido no outro, que atravessa o ato de olhar, com o intuito de revestir o ato de olhar, com o intuito de ser olhado.

Nesse sentido, o exibicionismo surge como um exemplo a perversão. O olho, naturalmente, atua como zona erogenizada, porém o objeto alvo atuaria a partir de dois lugares possíveis. São eles: lugar passivo, no qual o objeto alvo surge como um objeto a ser admirado, portanto, desempenha papel passivo diante do olho espectador, ou lugar ativo, no qual o objeto alvo ao perceber que é olhado, também olha, deixando de ser apenas admirado, mas passando também a busca pelo encontro com o olhar do outro que o olha.

Desta maneira, temos que o olho atua como um orifício erogenizado, ou ainda, como um anteparo que propicia ao olhar o deslizamento necessário para que este encontre um

objeto capaz de causar satisfação. Nesse sentido, temos que o olhar é o objeto da pulsão escópica e, não o olho.

5.2 Constituição Psíquica do Sujeito: Narcisismo Primário e Secundário

De início, explanamos acerca do que Freud aponta, no texto *À guisa de introdução ao narcisismo*, de 1914, como onipotência de pensamentos. Freud propõe um paralelo a partir desse conceito, pontuando que este que povoa o pensamento dos povos primitivos e se faz perceptível como poder mágico, de alguma maneira também se apresenta na percepção do infante, o que confere a esse uma noção de que o que o rodeia é sua criação.

Faz-se necessário pontuar aqui acerca da libido constituinte e, de como esta se apresenta em diferentes fases do desenvolvimento Eu. Em um primeiro momento, temos que a libido do bebê é investida em si mesmo, chamemos a esta, portanto, de libido auto-erótica. No segundo momento, o bebê passa a investir parte de sua energia em objetos externos, temos então a libido objetal.

No que diz respeito à primeira fase do Eu, é possível conceber através dos escritos de Freud (1905), que a libido autoerótica propõe que a mediação de satisfação se dá através do próprio corpo do bebê. Temos ainda que este momento de vida do bebê envolva a relação com a mãe, com a qual a criança estabelece uma relação através do sugar do seio materno. Nessa fase, Freud coloca que o bebê estaria vivenciando o que denomina como fase oral, pois se tem que, a boca do bebê ao entrar em contato com o seio da mãe, torna-se uma zona erogeneizada. Essa fase inicial, também pressupõe que não há no bebê um eu sequer esboçado. Desse modo, é apenas em um segundo momento, no qual o bebê passa a investir libidinalmente em objetos, que o esboço do eu começaria a ocorrer.

No texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914, o psicanalista propõe novamente os dois tempos e, desenvolve como se dá essa transição do autoerotismo para o narcisismo. Para que esse movimento transicional ocorra é necessário que se dê o que Freud denomina como uma nova transição psíquica, pois é nesse movimento que a constituição do narcisismo é propiciada. Podemos compreender ainda que antes de advir o tempo demarcado pelo narcisismo, as libidos egóica e objetal coexistem. Deste modo, a transição e diferenciação destas só ocorrem após o investimento em objetos externos.

O estado de apaixonamento passa a atuar como um propulsor para que o bebê invista no objeto, o qual na maioria das vezes pode ser a mãe ou o próprio seio desta. Nesse

momento, a libido do eu é de alguma maneira esvaziada e, então, o movimento transicional pode ocorrer.

Nesse momento, a relação com o outro está estabelecida e o bebê passa então a esboçar a constituição do eu. O primeiro movimento advém dos pais ou cuidadores, os quais ao direcionarem seu olhar ao bebê proporcionam a este o investimento necessário para que esse possa advir como sua majestade. Percebemos, portanto, que o investimento dos pais é que, de alguma maneira, permite que o bebê possa realizar a transição de um estado a outro e, isso nos remete a noção de desamparo, no sentido de que traz a importância dos investimentos externos para que o sujeito possa vir a se constituir enquanto tal. Nesse sentido, recorreremos ao pensamento de Laznik(2004) para compreendermos que é o desejo dos pais, imbuído pelo narcisismo constitutivo destes, que incita que o bebê passe de sujeito desejado a ser sujeito desejante.

5.3 Pulsões e seus destinos

Fazendo uso do texto *Pulsão e seus destinos*, de 1915, trataremos agora dos componentes constituintes das pulsões. Tais componentes se resumem a quatro, são eles: impulso, meta, objeto e fonte.

Podemos compreender o conceito de impulso como uma convergência das forças pulsionais, ou seja, uma pressão realizada por esses impulsos, os quais estão sempre em circuito ativo realizando um trabalho para se manter em atividade.

A meta pode perfazer diversos caminhos, porém, sua característica principal ambiciona a satisfação do impulso. Nesse ponto, Freud (1915) pontua que apesar da imutabilidade da meta, esta pode se propagar por diferentes caminhos que visam à condução para a meta final.

O objeto pulsional pode ser concebido através da ideia de que determinado objeto representa o meio necessário para que a pulsão consiga satisfazer sua meta. Nesse ponto Freud (1915/2010) propõe que o objeto “é o que mais varia no instinto, não estando originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação” (p.58). O autor coloca que o objeto não é necessariamente um aporte estranho ao eu, mas pode ser parte do corpo do indivíduo e ainda pode variar sendo substituído e deslocado para atuar nos papéis aos quais mais convir.

Por fim, chegamos ao conceito de fonte pulsional. Este pode ser compreendido como a formação somatizante que ocorre no corpo. Freud propõe que as forças que engendram a fonte

pulsional, não podem ser averiguadas através dos métodos da psicologia. Porém, as fontes podem ser deduzidas através de um percurso de retorno que deslize pelas vias concebidas pelas metas pulsionais. Desse modo, temos que “às vezes podemos inferir com segurança as fontes do instinto, a partir de suas metas” (FREUD, 1915/2010, p. 60).

Na sequência de seu escrito, Freud (1915/2010) recorre a uma diferenciação relativa aos impulsos, considerando instintos do eu como forma de autopreservação e instintos sexuais. Nesse sentido, postula que

Para uma caracterização geral dos instintos sexuais podemos distinguir o seguinte: eles são numerosos, originam-se de múltiplas fontes orgânicas, atuam de início independente uns dos outros, e apenas bem depois são reunidos numa síntese mais ou menos completa. A meta que cada um deles procura atingir é o prazer do órgão; somente após efetuada a síntese eles entram a serviço da função reprodutiva, tornando-se geralmente reconhecidos como instintos sexuais (FREUD, 1915/2010, p. 63).

Essa explicação proposta por Freud permite a compreensão de que apenas após os impulsos de autopreservação serem conservados. A meta destes poderá seguir por outras vias, buscando satisfação em objetos externos ao eu. Freud denomina esses componentes dos impulsos de vicissitudes, devido à volatilidade e alternância destes ao longo do percurso de uma vida. Tais vicissitudes podem aderir a diversas modulações, as quais podem ser definidas como: a reversão ao seu contrário, retorno em direção ao Eu, recalque e sublimação.

Deste modo, Freud propõe considerarmos as forças que impelem uma ação contrária ao fluxo contínuo dos impulsos, estas atuariam, portanto, como defesas contra as próprias pulsões. Seguiremos, aqui, a proposta inicial de Freud, dando ênfase às duas primeiras vicissitudes neste capítulo, devido à pertinência destas para a construção do estudo em desenvolvimento.

Iniciamos, propondo o olhar acerca da modulação proposta como reversão ao seu contrário. Pode-se dizer que esta reversão contém em si dois movimentos que se derivam como a transição de uma atividade pulsional de caráter ativo para uma atividade de caráter passivo. Como exemplo do processo de reversão ao seu oposto, Freud (1915/2010) propõe pensarmos nos pares “sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo” (p.65). A partir desses exemplos, o autor visa proporcionar a compreensão de que o que se reverte em seu oposto é meta pulsional, a qual de ativa passa a atuar de forma passiva. Esclarece ainda que “a

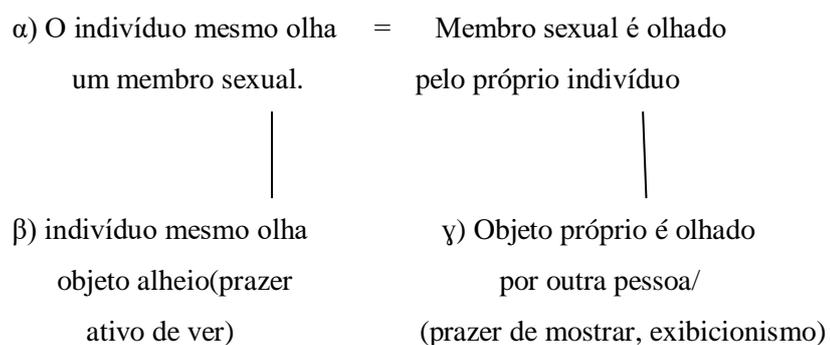
reversão diz respeito apenas às metas do instinto; substitui-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentador, ser olhado. A inversão de conteúdo se encontra apenas no caso da transformação de amor em ódio” (p.65).

Para compreendermos esse movimento entre os pares de oposição e, de como essa reversão retorna ao eu, é necessário entender o masoquismo como um sadismo às avessas, como um impulso que retorna a si próprio. Para exemplificar esse processo, Freud, destaca o que o sujeito exibicionista, tem como meta ser contemplado pelo olhar do outro, mas também contemplar o próprio corpo. Temos então, que a meta é ser visto, desnudado, independente de qual seja o objeto que venha a tornar tal meta realizável.

Atemo-nos no par oposição voyeurismo-exibicionismo. Esse movimento pode ser compreendido através de uma mediação dada em três tempos. No primeiro momento, a meta pulsional se dá de maneira ativa, pois, neste caso o sujeito voyeur, visa olhar o outro. Em um segundo momento, ocorre uma inversão da pulsão de olhar, a qual se desloca em termos de objeto, pois já não visa olhar o outro, mas se volta ao a contemplação do próprio corpo do sujeito. Há aqui, a inversão para a passividade diante da meta de contemplação. Em um terceiro tempo, que supõe o exibicionismo, o sujeito visa capturar o olhar de outro sujeito com o intuito de ser observado.

A partir dessa contextualização, Freud (1915/2010), propõe que a meta ativa antecede a passiva, haja vista que “olhar precede ser olhado” (p.68). No caso do sadismo, destaca que há um ponto específico que precisa ser pontuado dado sua relevância para a compreensão do mecanismo. Esse ponto se refere a um estágio que antecede o ato de olhar, caracterizado pela pulsão do olhar. Essa pulsão é compreendida como sádica, pois comporta em si a pulsão voltada para o próprio corpo do sujeito.

Para a compreensão desse esquema da pulsão de olhar, Freud (1915/2010, p. 68) propõe o esquema a seguir:



Evidencia-se através deste esquema a simultaneidade das pulsões ativas e passivas, considerando que a inversão de atividade em passividade parte do indivíduo, contudo retorna em parte justamente a este. Nas palavras de Freud temos que “a velha orientação ativa do instinto continua, em certa medida, ao lado da nova passiva, mesmo quando o processo de mudança instintual foi muito grande” (p. 69).

Portanto, acerca do prazer relacionado com a atividade de ser olhado, infere-se que há nesta condição uma relação de satisfação auto-erótica, pois o prazer de olhar supõe anteriormente uma formação inconsciente que parte do registro do próprio corpo. Portanto, o prazer que antecede o ato de olhar, o qual pode ser denominado como a pulsão de olhar, propicia o engendramento para que a atividade de olhar propicie a busca por um objeto que satisfaça a pulsão inicial. Essa fase delineada pelo autoerotismo é o que chamamos de narcisismo e, nelas as pulsões se satisfazem através do próprio corpo do indivíduo. Neste ponto, que garante a contemplação de si, podemos conceber a outra vicissitude proposta por Freud, compreendida como o retorno em direção à própria pessoa. Portanto, pulsão de olhar e autoerotismo concernem ao mesmo âmbito. Após esse primeiro momento, desenvolve-se a atividade de olhar, e a meta não busca satisfação apenas no próprio corpo do indivíduo, mas também através de um objeto narcísico que satisfaça a pulsão.

Acerca dessa formulação entre autoerotismo e pulsão de olhar, Freud propõe que “deles podemos dizer, em geral, que tem atividade autoerótica, isto é, seu objeto desaparece diante do órgão que é sua fonte, e vida de regra coincide com ele” (1915/2010, p.71). O autor ressalta ainda que esse objeto esteja retido no corpo, mas não é necessariamente o olho que atua como fonte de erogenizante.

6. Formação do Eu em Lacan

Enquanto Freud enfatiza que há crescimento relativo ao Eu, que se dá através do que se pode denominar por um amadurecimento gradual, Lacan(2009) aponta para uma relação entre Eu o mundo que o rodeia, perpassada por uma fragilidade. Para Lacan(2009), o sujeito nasce de maneira precipitada, desajustado ao exterior, sem capacidade de articulação motora e dependente de outro para sobreviver aos primeiros tempos de vida. Desta maneira, Lacan concebe que nesses estágios primordiais do infante não há um eu consolidado, pois, essa formação do eu, se dará com o aporte a entrada no estágio do espelho, através de uma relação especular.

6.1 Estádio do Espelho

Para Lacan (1949/1998), a formação do eu ocorre entre o sexto e décimo oitavo mês de idade do infante. Durante esse período, ocorre o que o autor denomina como Estádio do Espelho.

Esse período pressupõe que o bebê seja apresentado a si mesmo diante de um espelho. Em um primeiro momento, a imagem que o bebê apreende é uma imagem fragmentada. Apenas em um segundo momento é que a imagem será compreendida como um todo, ou seja, unificada. De acordo com Quinet(2002),

O estágio do espelho corresponde à antecipação, através da imagem, da unificação do corpo, antecipação relativa à maturidade neurológica da criança. Tal experiência, situada entre os seis e 18 meses é descrita como um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (p. 128).

Ao princípio temos então, que a imagem primeira surge como a imagem de um corpo despedaçado, destituído de uma forma congruente e totalizante. O que impera em um primeiro momento é justamente um corpo fragmentado pelas pulsões parciais, ou ainda, autoeróticas. Nas palavras de Quinet(2002), encontramos que “ao partirmos do princípio de que no início não há unidade, o corpo do indivíduo pode ser concebido como um corpo retalhado, despedaçado, fragmentado pelas pulsões autoeróticas, as pulsões ditas parciais”(p.128).

Para o segundo tempo, temos que essa imagem se apresenta ao bebê através de um anteparo. O outro surge para o bebê como aquele que vem a lançar sobre essa imagem refletida e despedaçada, uma possível construção imaginária sobre esta. Um movimento próprio deste segundo tempo ocorre quando o bebê vê a si mesmo, como uma imagem que se integra como um todo. Ao ver, com o intuito de confirmar o que vê, o bebê retorna o olhar para o adulto que o ampara. Nesse momento, uma imagem é assumida pelo bebê. Tem-se, então, o que Lacan denominou como júbilo. Esse júbilo se dá em decorrência do deleite do bebê ante a uma imagem que contempla a unidade.

O que fica marcado nesse movimento do estágio do espelho, é que o bebê apenas apreende uma imagem de si, pois é anteriormente marcado por outro, outro este que é desejante e, portanto, propicia ao pequeno ser que venha a advir enquanto imagem de si.

Nas palavras de Quinet(2002),

A unidade do corpo é prefigurada pela imagem do outro ou pela imagem do espelho, pois ambos não se distinguem como nos ensina Narciso. As pulsões autoeróticas convergem para a imagem do corpo tomado por outro: imagem com a qual o sujeito se identifica para constituir seu eu. Essa imagem é o eu ideal formado pela imagem do outro, i(a), que dará a unidade que constitui o eu (p. 128).

Temos então, neste momento de constituição do eu e da percepção do pequeno sujeito sobre si, a instância do júbilo. É nesse período e, através deste, que a “prefiguração da unidade corporal é acompanhada de uma jubilação que corresponde à satisfação narcísica de saber-se um corpo” (QUINET, 2002, p.128).

Desta maneira, através de dois tempos distintos entre si, o eu se constitui. É possível conceber que o eu se corpsifica, ou seja, se torna um, com sua totalidade corporal. Quinet(2002) ainda remete que “a unidade do eu é, portanto, imaginária. O campo visual será marcado, desde então, por esse caráter imaginário cujo protótipo(Urbild) encontramos na imagem do outro do estágio do espelho”(p. 129).

7. Pulsão Escópica, Narcisismo e o enlaçamento com as mídias digitais

Para adentrarmos nas contextualizações propostas neste capítulo, consideramos importante esclarecer o conceito de mídias digitais. Para tal, recorreremos a Barichello e Carvalho (2013), as quais evidenciam o termo mídia relacionando-o com o conceito de ‘medium-ambiência’, de McLuhan. O termo mídia comporta o conceito de meio e, faz alusão para além de um campo no qual as trocas ocorrem, assumindo, também um caráter relacionado à composição social. Temos, portanto, que as mídias sociais digitais podem ser compreendidas como aquelas que Sibilia faz referência em seus textos. Como exemplo, citamos as mídias propostas por Barichello e Carvalho (2013): “os blogs, microblogs, sites de rede social e de compartilhamento de vídeos e imagens” (p.236).

Recorrendo ainda as autoras, temos que

Mídia é a forma aportuguesada da palavra latina media, plural de medium, que é meio, em seu sentido de meio de comunicação, para além da ideia de mero canal. Portanto, o termo mídia englobaria o conjunto dos meios de comunicação, representando uma instituição social – com seus conjuntos de valores, normas, regras – o ambiente, o fundo, a cultura. Mídia, nesse sentido, não é apenas um meio técnico – televisão, rádio, computador –, pois ela

envolve fluxos de comunicação, interações tecnossociais, apropriações simbólicas, questões organizacionais e culturais (p.238).

Esse ambiente midiático atua, portanto como um lócus que comporta diversas formas relacionais e, caracteriza-se como um meio no qual as trocas simbólicas se realizam, compilando em certo espaço “complexas interações entre tecnologia, sujeitos e sociedade” (BARICHELO e CARVALHO, 2013, p. 238). Deste modo, as mídias atuam não apenas como um suporte no qual as trocas simbólicas ocorrem, mas sim, um meio no qual as trocas são pautadas por valores e agenciamentos estabelecidos pelos agentes de ações nestes meios, ou seja, pelos usuários. Nesse sentido, as autoras Barichello e Carvalho (2013), pontuam que “no atual estágio de evolução tecnossocial, a mídia deixa de ser um campo específico de mediação para se tornar ambiência que perpassa todos os campos da experiência humana (p.258)”.

Após esta breve explanação acerca do conceito de mídias digitais, voltemos para o Instagram, mídia que prevaleceu na observação por ter um forte apelo imagético ante as questões de espetacularização do eu. De acordo com Montardo(2019), o Instagram se apresenta como um aplicativo de interação social. O surgimento deste remete a ao ano de 2010 e foi criado por Kevin Systrom e Mike krieger. Através da plataforma as interações propiciadas se referem ao compartilhamento de vídeos e fotografias, aos quais, ainda através da interação constituída entre os usuários, propõe a estes que reajam ao que veem através de curtidas e comentários. De acordo com Montardo(2019) a palavra instagram concatena em si o prefixo *insta* agregado ao sufixo *insta*. Nesses termos temos que

“*insta*” (*instant*) tem sua origem na inspiração vinda das câmeras de impressão instantânea, como a Polaroid, e confere a atmosfera *vintage* que os empresários queriam dar ao *app* (o que se confirma por meio dos filtros possíveis de serem aplicados às fotos e do logo inicial, por exemplo); já o “*gram*” (*telegram*) compara compartilhamento e telegrama.(p. 173)

A partir dessa explanação acerca da nomenclatura da plataforma, consideramos pertinente evidenciar também que o

aplicativo é composto por perfil (informações básicas, número de seguidores, publicações realizadas), *feed* ou *timeline* (mostra publicação de contas seguidas), seção explorar (mosaico personalizado de fotografias, vídeos e histórias mais populares), seção atividade (registro de interações do usuário e das pessoas que seguem), histórias (fotografias e vídeos disponíveis por 24

horas), Instagram Direct (mensagens instantâneas privadas entre os usuários) e filtros e ferramentas de edição das fotos (p.173).

Outro dado que salta aos olhos diz respeito ao número de usuários que o aplicativo angariou. Segundo Montardo(2019), ao final do ano de 2017, eram 800 milhões de contas ativas espalhadas pelo globo. Deste montante, 50 milhões de usuários representavam a população brasileira que conquistava na época o segundo lugar em número de usuários ativos na plataforma.

Assim, após delinear uma possível compreensão acerca das mídias digitais e o campo de interação proposto por estas, apreendermos, em termos de números, o lugar no qual pleiteamos como usuários do aplicativo. Podemos retornar a questão inicial deste trabalho, rememorando o motivo da importância de colocarmos qual a incidência subjetiva que as mídias passam a exercer em nossa subjetividade. Deste modo, que não uma possível rota que se perfaça através da limitação dos itens componentes que possam surgir como questões aos pesquisadores, pontuamos que, toda a construção deste trabalho considerou linhas de forças que, em nosso entendimento, atuam como propulsoras nesse engendramento que agencia a espetacularização do eu. Nesse sentido, as mídias atingem nossos comportamentos com um impacto que não pode ser desprezado, pois corroboram para que o narcisismo se torne inflacionado. Nesse caso, observamos que as mídias atuam como agenciadoras do espetáculo e que reificam através de um complexo emaranhado de proliferação de selfies, uma estética própria de nosso tempo. Marcados, portanto, pelo narcisismo inerente a nossa constituição, nos vemos enredados em uma trama hipermoderna que extrapola os sentidos e nos impulsiona compulsoriamente a engendrar o próprio agenciamento de si, através das plataformas, nesse caso, através do Instagram.

Assim, podemos compreender que estamos inconscientes ante ao espetáculo do qual pensamos ser protagonistas. Retornando a pulsão escópica, vale colocar a pergunta acerca do que é visto através do instagram? Colocando o aplicativo ao lado do olho, ou seja, como anteparo para o ato de olhar ou de ser visto, deslocamos o questionamento para: ao postar uma selfie, o que o eu deseja dar a ver? O eu volta-se para si, com uma porção exibicionista já em curso e, projeta ao mundo o desejo de ser olhado?

Supondo que o que engendra o desejo é a falta, podemos considerar alguns pontos como pertinentes para esse entendimento.

Retomemos as linhas de força. Primeiro, lembrando Debord(1997), é através das imagens que se dá a espetacularização. Segundo o nosso tempo, pode ser compreendido

através da desmesura e da complexidade de temporalidades que podem atuar simultaneamente, ou seja, recorremos a Lipovestky para entender a contemporaneidade e, então, através das características que se apresentam, é possível que nos percebamos envoltos pela hipermodernidade, uma temporalidade marcada pelos signos do excesso e da desmesura. Ora, a produção de imagens de si e do cotidiano é incansável por parte dos usuários do Instagram. Assim, o que surge é a proliferação de imagens que não cessam de ser inscritas nesse mundo digital simbólico. A característica incessante de produção de imagens e conteúdos que remetam a si mesmo desvela a falta constitutiva dos sujeitos. Porém, desvela ainda, características da hipermodernidade, no que tange as questões acerca da voracidade com que as postagens são dirigidas. Essas marcas trazem a tona o vazio de nosso instante, denunciando o olhar que não encontra amparo em si mesmo nas vivências cotidianas, mas sim, um olhar vazio que, almeja incessantemente ser reverenciado pelo outro, com o intuito de se fazer existir. Assim, “a pulsão escópica permanece presa ao narcisismo, que não se desvincula do exibicionismo fálico” (QUINET, 2002, p.76). Nesse sentido, o sujeito busca ser visto e assim, amparado pelo olhar do outro, refazer a conquista perdida de si mesmo. De acordo com Ferreira (2018),

O usuário da rede social é capturado pelo campo do visível através das imagens dos outros que continuamente se atualizam e, ao mesmo tempo, o sujeito se coloca – dar-se a ver – para os outros a partir da imagem que alcançou no campo visível do espelho. Este é um sem fim do campo do sentido e, portanto, da idealização, no qual o sujeito tem ideia, por exemplo, de que ali pode se apresentar de acordo com seu ‘eu ideal’, suporte de onde o sujeito se vê como visto pelo Outro e que se constitui no estádio do espelho (p. 176-177).

Ainda remetendo ao pensamento de Ferreira (2018), pontuamos que a autora situa esse estádio do espelho como um limiar, no qual se dá o desenvolvimento da dimensão narcísica. Deste modo, “o espelho no qual o sujeito se vê é o Outro e, certamente, as respostas desse Outro – enquanto ideal do eu, que dão a forma do eu ideal que se pode ver refletida nos ‘perfis’ do ciberespaço” (p.177).

Portanto, através dessas palavras, o que a autora propõe vai ao encontro do que pontuamos acima quando observamos que os sujeitos colocam através das redes, um olhar vazio, que desancorado de si, submete-se a aprovação incessante do Outro. Assim, o jogo de espelhamento entre ver e ser visto nas redes funciona como um espetáculo que promove a exposição de si através do compartilhamento de selfies, as quais geralmente estão

acompanhadas por produções estéticas dirigidas ao público. De acordo ainda com Ferreira (2018) tudo “se configura como aprovação dos semelhantes, que sabemos ser demanda estrutural para o fortalecimento de construções fantasiosas e, portanto, para o eu” (p.177).

Retornando a Debord, autor que situa os sujeitos sociais como espectadores, ou seja, como sujeitos alienados diante da dinâmica social, propomos que ante a sua imagem compartilhada nas redes com o intuito de obter assim reconhecimento de outros, demonstra que a “posição do sujeito diante do fascínio exercido por se ver no espelho é de um alienado diante do objeto, que crê na sua potência enquanto photoshoper de sua vida, podendo editar e filtrar o mundo” (FERREIRA, 2018, p.178).

Nosso pensamento vai ao encontro ao pensamento de Ferreira (2018), quando a autora destaca justamente que esse fascínio alienado não pode ser julgado, pois é “maximizado pelo dispositivo” (p. 178). Colocamos um pensamento análogo quando pontuamos que o aplicativo atua de maneira a potencializar o narcisismo dos sujeitos, posto que, estes se exibem com o intuito de se fazerem ver pelo Outro.

Diante da articulação possível entre olhar e ser visto pelo Outro, Lacan propõe que há um objeto da pulsão que não se encontra ao lado do sujeito que se dá a ver, mas sim ao lado do Outro. Para Quinet(2002), “o outro é reduzido a esse objeto em torno do qual a pulsão dá a volta e que se encontra no quadro da fantasia, que é uma tela que faz anteparo ao acesso do Outro sexo”(p. 83). Ainda acerca do olhar como objeto a, considerando este contornado pela pulsão escópica, temos que este

é o objeto cortado do corpo do Outro a nível do olho, sua fonte; é o olhar que o sujeito teria um dia encontrado e logo perdido. Olhar da mãe, perdido desde sempre e no lugar do qual a pulsão encontrará objetos substitutos para satisfazer-se sem jamais reencontrá-lo (p. 83).

Nesse sentido, relembando a situação do estádio do espelho, na qual a criança se volta para quem a segura buscando encontrar aí um amparo para sustentar o que vê refletido no espelho, compreendemos que o olhar atua como um suporte ao desejo do Outro, que marcado pela incidência do olhar perdido, resta como um artifício que recorre, sem cessar de inscrever, a busca pelo olhar de reconhecimento que deseja receber do Outro. Essa busca é engendrada justamente com presença marcada pela perda deste, pois é ela que atua como mola propulsora ao ato de buscar o olhar. Quinet(2002), coloca que

A cada vez que a pulsão escópica completa seu circuito, o olhar se torna presente e so sujeito se torna olhar: ele presentifica o olhar enquanto objeto, na medida em que ele mesmo, situado no anel da pulsão, é identificado com esse objeto de olhar para o Outro, perdido, escapado, subtraído do Outro (p. 83).

Portanto, ante a imagem que os sujeitos veiculam através da inflação do exibicionismo, devemos considerar a existência de uma falta, marcada justamente pela ausência de um olhar perdido, que cristalizou o sujeito na fase do espelho e que, por ser fugidivo, retorna incessantemente pontuado pela busca do sujeito por uma imagem que ampare a idealização imaginada que este, incessantemente inscreve no desejo de sustentar.

Assim, o mito de narciso encontra seu lugar, como imagem de um sujeito que se cristaliza diante da própria imagem, apegando-se a ela, de tal maneira que não consiga mais inscrever o desejo em outros objetos, pontuando a fixação na imagem de si e no gozo autoerótico.

Desta maneira, encerramos este escrito, colocando que as linhas de força que atuam na subjetividade dos sujeitos podem ser diversas e distintas, mas que a convergência destas retorna sempre ao âmbito do objeto perdido, que virá assumir formas de satisfação singulares, diante da singularidade de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões propostas neste estudo, considera-se relevante pontuar os enlaçamentos e questionamentos que emergiram durante a sua construção. Em um primeiro momento, abordamos o conceito de espetáculo proposto por Debord. Enlaçado a este primeiro capítulo, a noção de uma temporalidade denominada hipermodernidade proposta por Lipovetsky que compõe uma possível concepção acerca do momento em que vivemos, considerando que este tempo é marcado pela espetacularização aliada aos preceitos constituintes da hipermodernidade. Tais preceitos remetem a uma era que leva a espetacularização ao último grau, colocando as vivências cotidianas diante de um abismo que se caracteriza pelo assombro que causa aos sujeitos. O assombro se dá através de um imperativo que marca nosso inconsciente. Tal imperativo engendra a existência dos sujeitos para que a existência desses seja pautada pela espetacularização de si e das vivências que em outros tempos seriam íntimas. Deste modo, subjugados a uma era hiperespetacular, os sujeitos concebem a si próprios através de emaranhados subjetivos demarcados por processos simbólicos que lhe são exteriores, mas que atravessam a constituição psíquica, considerando

que a formação do eu se dá através de interações entre um corpo orgânico e o meio em qual esta posto.

Assim, fez-se laço entre a sociedade do espetáculo pontuada por Debord com o conceito de Hipermodernidade. Considerando ainda a influência das mídias digitais em nosso emaranhado subjetivo e, até mesmo o quanto, em potencial, estas podem afetar, marcam e produzem subjetividades, nos deparamos com uma noção que denominamos hiperespetáculo, seguindo a noção de desmesura proposta por Lipovetsky que pode ser apreendida diante da quantidade de conteúdos produzidos por pessoas comuns que promovem a si mesmas através das mídias. Neste ponto, retomamos a autora Sibilia que aponta para o quanto os sujeitos comuns são direcionados a realizar uma sobrevalorização do eu, o qual deve parecer para ser. Acerca disso, surge o questionamento de como nossa subjetividade e, portanto, como a própria construção do eu pode vir a ser atravessada pelas tecnologias e mídias digitais e, ainda, quais são os principais impactos destas em nossa formação egóica.

De um lado temos as mídias digitais, ferramentas que propiciam a propagação das selfies e o agenciamento e estetização de si, remetem ao comportamento dos seres humanos ao longo dos séculos. A vaidade não surge em nossos dias, mas individualização e enaltecimento de si como um sujeito portador de direitos absolutos, de pertencimento e assertividade do eu através da imagem focada, não em transparecer o eu, mas sim em esconder quem se é, com o intuito de vender a si mesmo, apontam cada vez mais para essa especificidade do individualismo que marca nosso tempo. Todos os dias somos inundados por imagens de sujeitos que tem uma elevada estima de si. No mínimo, o que fica é o questionamento acerca de como as redes, as mídias digitais, a proliferação exponencial de selfies afeta a subjetividade de usuários, sejam estes passivos ou ativos.

Ao do escrito, é possível perceber que o cotejamento do tema ainda se encontra em curso e carece de concepções previamente elaboradas. Os desdobramentos acerca das temáticas podem enveredar diversos percursos de estudos, os quais podem assumir distintos posicionamentos. Nesse sentido, configuramos um percurso que assuma o tempo presente, no qual a proliferação de imagens e do agenciamento de si se prolifera desmesuradamente, assumindo o caráter da era denominada por Lipovetsky como Hipermoderna. Compreendemos, a partir da leitura do autor mencionado, que esta era hipermoderna concatena as diversas possibilidades e variações que possam ser assumidas pelos sujeitos em nosso tempo. O tempo hipermoderno, resguarda a possibilidade de assumir elementos das sociedades antigas simultaneamente a elementos que remetam a sociedade contemporânea, concebendo, portanto, tempos distintos que se sobrepõe e atravessam os sujeitos.

De um lado temos as mídias digitais, ferramentas que propiciam a propagação das selfies, o agenciamento e estetização de si. Essas últimas, questões que remetem ao comportamento dos seres humanos ao longo dos séculos. A vaidade não surge em nossos dias, mas individualização e enaltecimento de si como um sujeito portador de direitos absolutos de pertencimento e assertividade do eu através da imagem focada não em transparecer o eu, mas sim, em esconder quem se é, com o intuito de vender a si mesmo, apontam cada vez mais para essa especificidade do individualismo que marca nosso tempo.

Todos os dias somos inundados por imagens de sujeitos que tem uma elevada estima de si. No mínimo, o que fica é o questionamento acerca de como as redes, as mídias digitais, a proliferação exponencial de selfies afetam a subjetividade de usuários, sejam estes passivos ou ativos.

Traçamos neste trabalho, possíveis linhas de força que tangenciam a compreensão de tais questionamentos. Entretanto, percebemos que o assunto de maneira alguma se coloca como fechado. Deste modo, vislumbramos ao final deste percurso, uma tentativa frustrada e inacabada de construir incessantemente alguns pontos que tangenciem as possibilidades de compreender fenômenos contemporâneos. Nesse caso, a busca pelo repertório bibliográfico, as leituras acerca das temáticas aqui empreitadas, demonstram um emaranhado, o qual se desenrola com o intuito de assim realizar algo em direção a uma construção teórica e crítica acerca dos fenômenos que propiciam o engendramento subjetivo dos sujeitos em prol do exibicionismo nas redes de interação digital, considerando neste a relevância do Instagram para a propagação de imagens de si e de vivências altamente marcadas pelo desejo desse fenômeno de enaltecimento do eu e de tudo o que for relativo ao eu que se deseja deixar transparecer.

Portanto uma possibilidade que viabilize o aprofundamento dos questionamentos aqui propostos seria o desenvolvimento de uma pesquisa acerca dos fatores que estão em jogo nessa hiperexposição de si, considerando um tempo que propicie um estudo longitudinal, com o intuito de desenvolver parâmetros que possam aferir elementos que atuam como fatores na própria constituição psíquica dos sujeitos, demonstrando quais linhas perspectivas apontam as maneiras como temos nos relacionado com a imagem de si e com as imagens dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARICHELO, E. M. da R., & CARVALHO, L. M. (2013). *Entendendo as mídias sociais digitais a partir da ideia mcluhaniana de medium-ambiência*. MATRIZES, 7(1), 235-246. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v7i1p235-246>
- DÉBORD, G. *A sociedade do espetáculo* (trad. Estela dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto. 1997
- FACEBOOK. *Affectio Societatis*, v. 15, n. 28, p. 169-195, 16 ene. 2018.
- FERREIRA LEMOS, P. DO P. *ENTRE OLHO E OLHAR: O GOZO ESCÓPICO NO*
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 a. v. 12.
- _____. “*Os instintos e seus destinos*” In FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Obras completas: O Eu e o Id “autobiografia” e outros textos (1923- 1925)*. Trad. Paulo Cezar Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011. v. 16.
- _____. *Obras completas - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.
- _____. *Obras completas - O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923- 1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v.16
- GIANESI, Ana Paula Lacorte. *Narcisismo e seus ecos*. Stylus (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 36, p. 91-109, jun. 2018 .
- Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2018000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário*, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LIPOVETSKY; CHARLES,. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- OVÍDIO (8 d.C./2017). *Metamorfoses* (Domingos Lucas Dias, Trad.). São Paulo: Ed. 34.

PAIVA, J. Z. de; DE OLIVEIRA, R. J. . F. *A sociedade do espetáculo: uma autotradução como crítica*. Non Plus, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 139-155, 2015. DOI: 10.11606/issn.2316-3976.v4i7p139-155.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/99220>. Acesso em: 11 out. 2020.

QUINET, A. (2002) *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SIBILIA, P. (2016). *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

SILVA, Jurandir Machado da. *Vazio e comunicação na era “pós-tudo”*. In: LIPOVETSKY, GILLES. *A Era do Vazio*. Barueri: Manole, 2005 (p. IX-XXIV).